

HYPOTHESES AND ITS MULTIFUNCTION: theoretical and methodological possibilities to the scientific knowledge.

HIPÓTESIS Y SUS MULTIFUNCIONES: Posibilidades teóricas y metodológicas del conocimiento científico

Pedro Pio Fontineles Filho (UESPI)¹

BARROS, José D'Assunção. *As hipóteses nas Ciências Humanas: aspecto metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 76p.

José D'Assunção Barros é um dos historiadores brasileiros que mais produzem e publicam livros acerca das relações entre teoria, metodologia, empiria para os debates sobre o fazer histórico e historiográfico. Sua atuação está vinculada a seu trabalho de Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), bem como à sua ligação com o Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Sua formação inclui Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Graduação em História e Graduação em Música pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Essas duas graduações contribuem para alguns de seus estudos sobre a perspectiva teórica do pensamento histórico, social e cultural. Autor de inúmeros artigos publicados em periódicos especializados, nacionais e internacionais. Autor, também, de vários livros que se debruçam sobre aspectos teórico-metodológicos da História, em seu sentido amplo como disciplina, ciência e em suas potencialidades interdisciplinares.

No seio de sua vasta produção e publicação, tem-se o livro *As hipóteses nas Ciências Humanas: aspectos metodológicos*, publicado em 2007. É um livro relativamente curto, em termos de número de páginas, mas de grande extensão,

¹ Doutor em História Social pela UFC. Mestre e Especialista em História do Brasil pela UFPI. Graduado em História pela UESPI. Graduado em Letras-Ingês pela UFPI. Professor do PROFHISTÓRIA/UESPI. Professor do PPGHB/UFPI. Professor do Curso de História/UESPI/CCM. E-mail: pedropio@ccm.uespi.br

considerando-se a densidade das reflexões e conceituações propostas sobre o objeto central: hipótese. O livro está organizado em nove seções ou capítulos, com debates diretos e concisos, mantendo interlocução entre todos eles, de forma interdependente, recorrente a uma revisão teórico-metodológica-historiográfica apropriada. Ao final, o autor diz que o livro é derivado de artigo intitulado *As hipóteses nas Ciências Humanas*² e de partes do capítulo sexto do livro *O Projeto de Pesquisa em História*³. Barros, em grande medida, retoma um objeto bastante debatido no campo da filosofia, que, em geral, compreende a hipótese como “um enunciado (ou conjunto de enunciados) que só pode ser comprovado, examinado e verificado indiretamente, através das suas consequências. Portanto, a característica da H. é que ela não inclui nem garantia de verdade nem a possibilidade de verificação direta”⁴.

O primeiro capítulo inaugura as discussões do livro, a partir de uma pergunta que provoca sobre o status das hipóteses. Ao questionar sobre a necessidade das hipóteses, Barros traz questões fundantes para se pensar o conceito e a aplicabilidade das hipóteses. São cinco indagações que o autor pretende “responder a estas perguntas iniciais a partir de alguns exemplos, e encetando um cuidadoso exame dos diversos fatores envolvidos na elaboração de hipóteses, principalmente no âmbito das Ciências Humanas” (p. 07-08). A essas perguntas, Barros acrescenta outras, afirmando que está menos interessado nos modelos acadêmicos, que exigem a formulação de hipóteses em projetos de pesquisa, que, segundo ele, são “modas acadêmicas”. Nesse sentido, ele diz que, no que se refere às hipóteses, “estas mudam, menos ou mais rapidamente. Admitem variações; oscilam de acordo com as finalidades do trabalho e as instituições que as demandam” (p. 09). Tais oscilações incidem, direta ou indiretamente, nas abordagens metodológicas da pesquisa. No caso da História, como discutiu D’Assunção Barrosa, pesquisa se caracteriza como qualitativa, quantitativa ou serial, aproximando-se, mas se distinguindo⁵.

Em *O caráter provisório das hipóteses e seu papel na pesquisa científica*, Barros defende que toda hipótese é marcada por sua provisoriedade, pois “tem por finalidade liberar potencialidades da pesquisa, e não engessá-la” (p. 10). Assim, a hipótese deve “guiar ou motivar uma investigação, propor respostas possíveis para um problema” (p.

² BARROS, José D’Assunção. *As hipóteses nas Ciências Humanas. Sísifo*. Lisboa. Vol. 07, 2008, p. 151-162.

³ BARROS, José D’Assunção. *O Projeto de Pesquisa em História*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

⁴ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 500.

⁵ BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História: especialidades e abordagens*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

10). Mencionando o exemplo de pesquisas sobre o racismo no Brasil, cujos resultados foram opostos ao que se imaginava inicialmente, Barros assevera que “Não é papel da hipótese antecipar os resultados do trabalho. Sua função, na verdade, ou uma de suas diversas funções, é apenas a de colocar o pesquisador em movimento” (p. 11).

No capítulo terceiro, as discussões partem da constituição de um problema de pesquisa como gênese das investigações científicas. Citando o exemplo da História, o autor destaca a historiografia ocidental, que, sobretudo no século XX, “superou a história narrativa ou descritiva do século XIX em favor de uma ‘História-problema’” (p. 18). Nesse sentido, o ato de problematizar tornou-se indissociável do processo investigativo em toda e qualquer pesquisa de base científica. Por esse diapasão, Barros salienta que “A formulação de hipóteses, no processo de investigação científica, é precisamente a segunda parte desse modo de operar inaugurado pela formulação de um problema inicial” (p. 19). Vale, então, dar relevo à noção de que “a hipótese corresponde a uma resposta possível ao problema formulado” (p. 19). A partir disso, Barros chama atenção para o significado primeiro do termo, pois “É por isso que, etimologicamente, a palavra ‘hipótese’ significa literalmente ‘proposição subjacente’” (p. 20).

Em *Funções da hipótese na pesquisa*, Barros lembra que são várias as funções que a hipótese desempenha na pesquisa científica. Para tal, o autor apresenta um Quadro com sete funções: norteadora, delimitadora, interpretativa, argumentativa, unificadora, multiplicadora e complementadora. Outros dois Quadros são apresentados neste capítulo, com o intuito de demonstrar que há articulação das hipóteses com outros aspectos da pesquisa: fontes, metodologias, referências teóricas, temáticas. Diante disso, Barros defende que “é preciso lembrar que um problema científico, sobretudo na área das Ciências Humanas, nem sempre apresenta uma única solução” (p. 31). O problema pode, então, estar cercado por diferentes hipóteses, que serão submetidas à investigação empírica e metodológica.

O capítulo quinto se debruça sobre a Conquista da América, sobretudo dos povos como os Astecas, e suas diferentes hipóteses na história e na historiografia. Barros analisa as hipóteses da superioridade bélicas dos espanhóis; superioridade estratégico-militar dos espanhóis; divisões políticas no interior dos povos conquistados; mitologia dos povos conquistados que viam os espanhóis como deuses; choque cultural entre conquistados e

conquistadores; fragilidade biológica dos povos conquistados em relação às doenças levadas pelos espanhóis. Outro exemplo utilizado por Barros, para pensar sobre as variantes das hipóteses, está no livro *O suicídio* (1897), de Émile Durkheim⁶, que apresenta hipóteses sobre o suicídio não apenas como um evento individual, mas como um fenômeno social. A partir desses dois exemplos, Barros insiste em dizer que “As hipóteses na História e nas Ciências Sociais dificilmente podem adquirir a aparência de verdades absolutas (se é que existem verdades desse tipo), porque há um espaço muito evidente de interpretação a ser preenchido pelo historiador ou pelo sociólogo na sua reflexão sobre problemas sociais do presente ou do passado” (p. 39). Daí a necessidade de atentar para a “função argumentativa” atrelada às hipóteses.

Em *A função das hipóteses no conjunto maior da ciência*, Barros retoma e aprofunda suas análises sobre a Função complementadora, Função multiplicadora e Função unificadora. Para o autor, essas funções “correspondem ao papel da hipótese não apenas dentro de uma única pesquisa tomada isoladamente, mas dentro do conjunto maior da ciência” (p. 43).

No capítulo sétimo, Barros fala das diferentes hipóteses sobre o crescimento das cidades, a partir dos estudos acerca das cidades americanas. Parte da hipótese formulada por Ernest Burgess⁷ e como ela assumiu a função unificadora, visto que teria gerado e aglutinado novos estudos sobre a questão urbana e seus desenvolvimentos. Para Barros, “algumas hipóteses transcendem largamente o âmbito mais restrito de sua pesquisa singular, e criam unidades maiores entre várias pesquisas produzidas. Não importa que em um segundo momento essas hipóteses sejam substituídas por novas hipóteses. O importante é que através delas o conhecimento científico pode transitar livremente, sendo elaborado de maneira permanente” (p. 51).

O capítulo oito adentra nos debates sobre as relações íntimas entre as hipóteses e a formação de teorias. Barros inicia esse capítulo de forma bem direta, afirmando que “quando determinadas hipóteses conseguem reunir em conjuntos maiores e coerentes uma diversidade de fatos, uniformidades empíricas e resultados obtidos em pesquisa – e particularmente quando se mostrarem sustentáveis ou válidas as relações propostas para esses fatos – que ocorre a formação de uma teoria” (p. 53). Por esse viés, Barros endossa

⁶ DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

⁷ BURGESS, E. W. ; PARK, E & MCKENZIE, R.D. *The City*. Chicago: University of Chicago Press, 1925.

que as hipóteses e os enunciados teóricos só podem ser compreendidos e analisados, se atrelados à teoria à qual se articula.

Por último, Barros fala de um tipo especial de hipóteses, as hipóteses *ad hoc*. Ele a conceitua como “uma espécie de conjectura que tem por finalidade proteger de contradições uma outra hipótese, quando esta se vê confrontada com teorias já aceitas, ou até mesmo com os dados já disponíveis que não a confirmam” (p. 57). No fazer historiográfico, a verificação ou a experimentação são substituídas pela observação e pela interpretação, pois, “na oficina da História, as hipóteses são sempre instrumentos importantes – multifuncionais na sua capacidade de *nortear, delimitar, interpretar, argumentar, complementar, multiplicar e unificar* os materiais e a pesquisa histórica” (p. 65).

O livro *As hipóteses nas Ciências Humanas* é um adequado exercício de reflexão das potencialidades e problemáticas inerentes às hipóteses. O conceito de hipótese apresenta possibilidades e polissemia, sobretudo no que se referem às Ciências Humanas. A hipótese pode apresentar variações e/ou tipos, que se expressam na medida em que a pesquisa, documental e teórica, vai se constituindo. A própria hipótese modifica o olhar sobre a empiria e sobre a teoria. Em suas aproximações e distanciamentos entre hipóteses e questões norteadoras, o indispensável é que sejam pensadas soluções ou respostas para a problematização feita. As questões norteadoras, assim, são perguntas que guiam a elaboração dos objetivos que a pesquisa deve alcançar. Assim, tais questões embasam, também, a definição das metodologias de pesquisa. No entanto, vale ressaltar que a hipótese é o primeiro passo para a formulação de um objeto, inclusive para a construção das questões norteadoras. De certa forma, é possível falar em hipótese sem questões norteadoras, mas não se pode imaginar as questões sem a hipótese geradora.

Sendo afirmativa-positiva, afirmativa-negativa ou afirmativa condicional, a hipótese é fundamental e indispensável para a formulação do conhecimento científico. Apresentando-se em níveis diferentes, como ocorrência, empírica, plausível ou convalidada, a hipótese não pode ser desconsiderada, pois não há pesquisa sem o levantamento de hipótese ou hipóteses. Isso, porque é a partir da hipótese que o problema de pesquisa ganha propulsão, na busca de confirmações ou refutações.

No processo de elaboração da hipótese, o pesquisador pode contar com a criatividade e/ou com a experiência. Não é à toa que, em trabalhos de iniciação científica, o ideal é que se possa mesclar a experiência do professor-orientador com a curiosidade/criatividade do aluno-pesquisador.

Diante do exposto, é pertinente ressaltar que *As hipóteses nas Ciências Humanas* é leitura indispensável e fundamental para profissionais, pesquisadores, estudantes e demais intelectuais que tenham o cerne filosófico da hipótese. Além disso, o livro é necessário para quem se debruça sobre a Metodologia Científica, o que a própria orelha do livro faz questão de destacar. O importante é o equilíbrio entre trabalhos específicos e aspectos amplos da pesquisa.